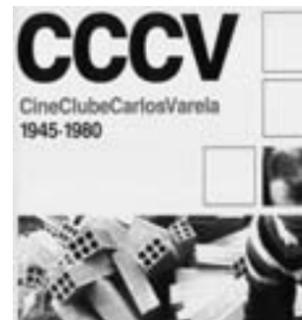
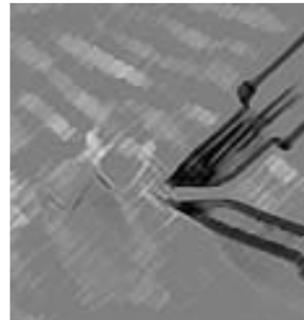


A REVISTA



APALPADOR

O Apalpador recebe no Courel umha equipa do NOVAS DA GALIZA. Na alargada conversa que reproduzimos a seguir, o gigante carvoeiro responde as perguntas que todos nos fazemos acerca desta figura mítica, mas cada vez mais familiar por esta época.

CONCURSO

O ano 2012 está chamado a ser o que remate com o mundo tal como o conhecemos. Desde a seçom de Criaçom nom queremos que perdas a oportunidade de partilhar os teus sonhos e fantasias antes que isto aconteça, por isso lançamos o I CONCURSO DE CRIAÇOM LITERÁRIA nas páginas do nosso periódico.

CINEMA

Nos últimos anos, semelha que os filmes de metragem encontrada están a fazer-se um oco no nosso panorama cinematográfico. Há ano e meio, o Cineclube de Compostela dedicou-lhe várias sessons a este tipo de cinema, onde pudemos encontrar documentários de compilaçom como *Iraqi Short Films*, obras que componhem umha narrativa de carácter mais ficcional como *Rock Hudson's Home Movies* ou *Blockade*, peças mais vanguardistas como as curtas-metragens de Matthias Müller ou um filme íntegro, deturpado mediante a adiçom de legendas, como *La dialectique peut-elle casser des briques?*

A GALIZA NATURAL

Os bosques sagrados

João Avelado

Contam que, chegado o solstício de inverno, os antigos colocavam enfeites nos carvalhos tentando assim atrair o Espírito da Natureza que, achavam, tinha fugido com a queda outonal das folhas...

Na nossa língua denominamos carvalhos às árvores de folha caduca do género *Quercus* (*quercus* é palavra latina que dizem procede do celta *kaërquez*). Azinheiras e sobreiros seriam outros *Quercus*, mas de folha perene.

O carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) é a espécie mais característica dos nossos bosques climáticos e, em geral, dos da Europa temperada. Na Galiza, encontra-se bem distribuído, abundando menos nas regiões de clima mais mediterrânico. Árvore de grande porte (atinge quarenta metros de altura) pode chegar a viver mais de mil anos.

Espécie parecida com a anterior é a carva (*Quercus petraea*). Diferencia-se por ter as flores e bolotas sobre curtos pedúnculos. Bem menos frequente que o carvalho-alvarinho, encontramos-na algumas serras do norte e do leste do país.

Na Galiza interior predomina o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), algures chamado cerqueiro ou

cerquinho (nome popular, às vezes, aplicado a outras espécies do mesmo género como o *Quercus faginea*). É um carvalho que gosta do clima continental, ainda que a sua distribuição se alargue até a beira-mar, como no Monte Louro, em Muros, onde encontramos o Rego dos Carvalhos, uma pequena mata de *Quercus pyrenaica*. As suas folhas lobuladas e densamente aveludadas são marcescentes, quer dizer, morrem no outono, mas permanecem na árvore até à primavera.

De folhas marcescentes são também outras duas espécies muito mais escassas na nossa terra, o carvalho-português (*Quercus faginea*) e a carvalhiça (*Quercus lusitanica*). Do carvalho-português encontramos alguns exemplares em pontos da Galiza oriental e meridional. É um carvalho de folhas coriáceas que, frequentemente, se apresenta em formações arbustivas. A carvalhiça ou carvalho-anão é um arbusto rasteiro do que apenas temos uma população relictica no Monte Pindo. As carvalhiças galegas constituem uma autêntica raridade botânica, pois os exemplares mais próximos desta espécie encontram-se no Cabo da Roca em Sintra, a mais de quinhentos quilómetros de distância!!!

Existem na nossa terra carvalhos verdadeiramente monumentais, alguns tão singulares que foram batizados com nome próprio, como

o “Carvalho Grande” de Cerrazim, em Friol, ou o “Carvalho do Herdeiro” no paço de Cartelos, em Carvalhedeo, um dos de maior perímetro da Europa (11’5 m.).

O carvalho era essencial na vida e na cultura dos nossos antepassados. Com a sua madeira faziam-se os carros, os barcos, as traves... e até o lume. Temos mais de seiscentos

topónimos relacionados com a palavra carvalho. E, não por acaso, desde tempos imemoriais, edificamos os santuários e celebramos romarias e festas à sombra das carvalheiras, onde, não por acaso, os gaiteiros berravam e ainda berram “ei carvalheira!”. Carvalheiras, os bosques sagrados. 2011 Ano Internacional dos Bosques.





EM TEMPOS

APALPADOR: “Eu quero que as crianças saibam que existe um mundo em que as flores cheiram e as árvores nos alimentam”

O último sítio que vimos antes de chegar ao refúgio do Apalpador foi a Portela, no Courel, aonde chegáramos de manhã cedo eu e umha fotógrafa do Novas da Galiza. Ali nos mandara esperar o Apalpador, que nom nos dera nengumha outra explicação. Imaginávamos que nos havia de chamar de detrás de um sequeiro de castanhas, dando-nos um susto de morte, mas nom foi assim. De repente, sem que nos desse tempo a perguntar nada, estávamos rodeados de trasnos que nos empurravam dando saltos, fazendo-nos arrolar para dentro de uns enormes foles de carneiro. A partir daí, até passadas duas horas, nom vimos nada, mas creio que fomos transportados dentro dos foles, em carros de bois, até as profundezas mais inóspitas do Courel. Quando saímos dos foles, nom havia rasto dos trasnos. Só nos esperava o Apalpador, igualinho a como o imaginávamos, numha pequena cabana rodeada de soutos que se perdiam no infinito.

Dadinho

E a cámara?

Ho, ho, ho! Calma, rapazes! Nom sabíades que nom se podem tirar fotos do Apalpador no seu esconderijo? Este é um lugar secreto ao qual só pode chegar a imaginação das crianças. Se algum adulto descobrisse como chegar, haveriam de meter motosserras e escavadoras para fazer canteiras de lousa, e o Apalpador nom pode permitir isso. Mas nom vos preocupedes: os trasnos temem a vossa cámara e hamvo-la de dar em saindo daqui.

Ah! Ainda bem! Obrigado, Apalpador. Mas assim nom temos foto para a entrevista!

Nom vos preocupedes, no ano pasado, no dia 24 de dezembro, quando viajei à cidade, deixei-me fotografar nalguns centros sociais: a Revolta de Vigo, a Gentalha do Pichel de Santiago, o Mádía Leva de Lugo e muitos outros. Ali hamvos de dar fotos. E se queredes um desenho, falade com um tal Leandro, que também me pareceu boa pessoa e deixei-lhe vir até aqui para que me pintasse.

E só te deixas fotografar nos centros sociais?

Nom, deixo-me fotografar em muitos mais sítios, sempre que sejam habitados por crianças que falam galego. Som crianças mui especiais que me fam sentir bem e assim volto para o Courel com muita vontade de construir os seus brinquedos no ano seguinte. Eu gosto de sentir que as pessoas me esperam ansiosas porque desfrutam com a sua cultura e isso acontece em cada vez mais sítios. Por exemplo, no ano passado fum a muitas escolas e passei por algumas ruas com muitos nenos e nenas. Sentim-me mui querido.



Entom tu só levas brinquedos às crianças desses sítios?

Nom levo só brinquedos. Levo também castanhas e os brinquedos nom podem ser de qualquer maneira. Som feitos com as minhas maos ou adquiridos em sítios que amam a cultura galega e que fam cousas nom só com a intençom de ganharem dinheiro. Depois, levo-os a todas as crianças que falam galego. Bom, nisto mudei um pouco nos últimos anos, porque quando passeava polas ruas das nossas cidades, muitas crianças diziam-me que nom sabiam falar galego, mas que queriam aprender e que já sabiam dizer algumas palavras. Para elas, que estão no meu coração, também tenho brinquedos e outras prendas de Natal, porque eu sei que amam cada vez mais a nossa fala.

E como fás os brinquedos [nós olhamos para os lados para ver se encontramos o armazém]?

Nom vale a pena que procuredes aqui. Fago-os no bosque, durante todo o ano. Som muitas as crianças às quais levo presentes e tenho que pôr-me a trabalhar desde o primeiro dia do ano. Depois, deixo-os escondidos nos castanheiros para que os trasnos os guardem até o inverno seguinte. Ademais, quando chega o outono, tenho que parar de fazer os brinquedos, para fazer carvom para me aquecer e para apanhar castanhas. Levo umha presinha a cada criança, por se nom estivo bem mantida nesses dias e para desejar-lhe boa manutenção durante o ano que começa.

E nom te sentes sozinho neste bosque imenso?

[O Apalpador olha para o imenso

vale com saudade] Estadades mui enganados, rapazes! Aqui sinto-me realmente acompanhado... polas plantas, polos animais, polas árvores e polos meus amigos os trasnos. No vosso mundo, dominado polos adultos, todo som pressas e a única companhia que tendes som carros e pessoas enfurrnhadas a caminhar depressa para chegar ao trabalho que nunca acaba. Por isso, eu levo às crianças cousas da terra, da natureza, para que nom a esqueçam nunca. Eu quero que elas saibam que existe um mundo em que as flores cheiram e as árvores nos alimentam. Mas a vós talvez já vos custe entendê-lo. Os vossos filhos e filhas nunca se sentiriam sozinhos neste imenso vale.

Existem rumores de que também anda a chegar às casas na noite de 24 de dezembro um tal Pai Natal?

Quem anda a espalhar isso por aí? Arhrhahra! [O Apalpador dá um berro de desagrado que nos fai cair para trás e fai escorregar um trasno que estava a subir numha gaveta às caladas]. Há gente que quer trocar-me por um impostor que nom se preocupa polas nossas cousas, nem pola nossa natureza nem pola nossa fala. Igual que esses três que diz que venhem no dia 6 de dezembro. E também dim que venhem em camelos! A quem lhe passa pola cabeça!? Nem que a Galiza fosse um deserto! Se fosse por eles, havia de ser um deserto, sim, porque eles o único que querem é construir centros e ruas comerciais onde antes havia soutos de castanheiros. E querem vender torrom em vez de dar castanhas. Mas os nenos e as nenas nom se deixam enganar!

Quais som os brinquedos que mais che pedem?

Eu nom podo revelar isso, porque cada criança é especial e necessita de um brinquedo especial, só para ela. É um segredo entre eu e elas. Às vezes, ajudam-me os pais e as maes, às quais pido conselho por carta. Mas som brinquedos que nom se fam destruindo os bosques, nem estragando os rios... Elas entendem-me.

Vai-se tornando de noite e é hora de voltar para a casa, mas o Apalpador confia cada vez mais em nós e decide mostrar-nos alguns lugares mágicos do bosque. Levamos à cova de um urso e depois à de uns lobos. Todos protegem a sua cabana quando chega a primavera. “Os adultos pensam que o osso já desapareceu da nossa terra, mas nom é verdade”. Também nos mostra os refúgios da pita do monte e da arceia, que fam muitas festinhas ao gigante do Courel quando passa. De repente, o chão afunda-se debaixo de nós e sem nos darmos conta caímos para dentro dos foles em que nos meteram os trasnos para penetrar no bosque. Em duas horas, já estávamos de novo na Portela, de onde tínhamos saído de manhã. Quando saímos dos foles, os trasnos já se foram, mas deixaram algo para nós ao pé do caminho: um precioso saco de vimes entrelaçados para transportar a nossa cámara. Este ano, a nós, o Apalpador chegou-nos adiantado.



A FOTO



Sole Rei

A 25 de novembro, jornada em que se comemora o Dia Internacional Contra a Violência de Género, duas mulheres morriam assassinadas polos seus companheiros na Galiza, e os tribunais galegos proferiram 110 ordens de protección para mulheres vítimas desta lacra. As provincias de Pontevedra e da Corunha concentram o maior número dos casos registados neste ano. Longe de ir caminho de solucionar-se, a violência machista mantém-se e, de facto, está a aparecer entre as gerações mais novas, que demasiado amiúde continuam a perpetrar padrões de conduta de raiz patriarcal. A maior parte das denúncias acumuladas concentram-se na faixa de idade que vai dos vinte aos quarenta anos. E os dados de associações e departamentos de serviços sociais corroboram que crianças que ainda não deixaram a adolescência atrás também estão a incorrer em condutas que exercem violência contra as mulheres.

CRIAÇOM

Faz parte dos nossos autores e autoras favoritos. Escreve o teu relato, poema, peça teatral, cançom, haiku..., envia-no-lo e participa no sorteio de dous lotes de livros de *Edicións Positivas*.

Quantas vezes, visitando a tua livraria preferida, tiveche a impressom de que no nosso país os critérios de publicação som de todo tipo menos literários? Quantas vezes comenteche na taberna que os concursos literários están amanhados ou obedecem a motivos espúrios?

Para o NOVAS DA GALIZA, a cria-

çom é algo vivo que transcende as subvençons e os critérios empresariais, por isso queremos lançar o I CONCURSO DE CRIAÇOM LITERÁRIA nas páginas do nosso periódico.

As bases som bem simples: todas as pessoas interessadas em participar podem enviar os seus textos (narrativa, poesia, teatro,

letras de cançons...) ao endereço literaria@novasgz.com antes de 6 de janeiro de 2012. Os textos devem ser inéditos e nom superar os 4.000 caracteres com espaços, e podem ir escritos em qualquer norma do galego-português, incluída a norma ILG-RAG, tendo em conta que os textos enviados na norma do ILG devem ser adap-

tados ortograficamente para a sua publicação. Junto com o texto, podeis enviar umha breve nota biográfica e umha fotografia.

A equipa de criação do NOVAS DA GALIZA seleccionará os textos para os publicar nos seguintes meses na Revista, e entre todas as achegas vamos sortear dous lotes de livros cedidos pelas *Edicións*

Positivas. Os nomes dos ganhadores do sorteio serán publicados no número de janeiro da Revista, junto com o primeiro dos textos seleccionados.

Anima-te a participar para que o público leitor do NGZ desfrute da tua criatividade, e lembra que entre todas e todos temos um mundo que contar!



Dous anos para perder trinta

Valentim R. Fajim

Primeiro momento, ano 1980. Som aprovadas as *Normas Ortográficas do Idioma Galego*, de tendência reintegracionista e ortografia espanhola, elaboradas pola *Comisión de Lingüística* designada pola *Consellería de Educación e Cultura da Xunta de Galicia*. Da Comissom formavam parte representantes de ambas as sensibilidades a respeito da nossa identidade lingüística.

Segundo momento, ano 1981. Eleições ao Parlamento da Galiza: Alianza Popular (26 assentos), UCD (24), PSOE (16), Bloque-PSG (3), Esquerda Galega (1), Partido Comunista de Galicia (1). Presidente: Gerardo Fernández Albor, de Alianza Popular.

Terceiro momento, ano 1982. Decreto 173/1982 sobre normativización da lingua galega oficializa as *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego* elaboradas nesse mesmo ano por umha *Comisión Mixta* formada por representantes do ILG (Instituto de Lingua Galega) e a RAG (Real Academia Galega).

Três anos, em termos históricos, nom é assim muito tempo mas é o suficiente para alterar os mapas da história e, o que é pior, os mapas mentais de 3 gerações de galegas e galegos.



CINEMA

Metragem encontrada

Julio Vilarinho

Nos últimos anos, semelha que os filmes de *found footage* ou metragem encontrada están a fazer-se um oco no nosso panorama cinematográfico. Há ano e meio, o Cineclub de Compostela dedicou-lhe várias sessons a este tipo de cinema, onde pudemos encontrar documentários de compilação como *Iraqi Short Films*, obras que componhem umha narrativa de carácter mais ficcional como *Rock Hudson's Home Movies* ou *Blockade*, peças mais vanguardistas como as curtas-metragens de Matthias Müller ou um filme íntegro, deturpado mediante a adiçom de legendas, como *La dialectique peut-elle casser des briques?*

Como podemos ver, este tipo de cinema oferece um grande proble-

ma terminológico e de definiçom, indo do documental para a ficçom e passando polos filmes de carácter mais experimental. Na recente ediçom do Cineuropa, pudemos ver a estreia de *Vikingsland*, longametrage de Xurxo Chirro montada com as filmagens do marinho Luís Lomba, e em ediçons anteriores do festival tivemos a possibilidade de ver duas peças de Ramiro Ledo: CCCV, a partir de filmagens do cineasta Carlos Varela, e *O processo de Artaud*, remontagem de fragmentos do julgamento de *La passion de Jeanne d'Arc*, de Carl Theodor Dreyer.

Dentro de toda a variedade estilística que oferta este tipo de cinema, quigéramos chamar a atençom precisamente sobre este último filme; com data de 2010, *O*

processo de Artaud, é em simultáneo umha amostra de *found footage* e umha adaptaçom literária. A curta-metrage trata do julgamento que botou Antonin Artaud fora do Partido Comunista, feito quase contemporáneo ao filme. Ainda que a maior parte de filmes remontados tratam de atualizar as imagens para estabelecer um diálogo com o presente, Ramiro Ledo reutiliza os primeiros planos do autor francês e remonta-os juntamente com os dos inquisidores, reconvertidos aqui nas principais figuras do surrealismo, para encontrar umha certa reminiscência passada daqueles feitos nas imagens tomadas por Rudolph Maté.

O cineasta galego retoma aqui umha das ideias já utilizadas em

2005 em CCCV: o atril como elemento significante do cineasta-montador. Daquela, as imagens filmadas por Ramiro Ledo recolham distintos debuxos e autocollantes do labor como desenhador de Carlos Varela, completando o seu retrato com os anacos da sua obra. Cinco anos depois, em *O Processo de Artaud*, o realizador expom no seu escritório os elementos constitutivos do seu novo filme: o terceiro volume dos arquivos do surrealismo francês do qual é extraído a julgamento (*Adhérier au Parti communiste?*) e sendas fotos de María Falconetti e do próprio Antonin Artaud.

O realizador reelabora assim, com sumo cuidado (já que nenhum dos planos originais se encontra repetido na sua monta-

gem), o filme que nunca mostrou sobre as purgas internas a que André Breton submeteu o surrealismo. Em três significativos planos, um de abertura do filme e outros dous antes e depois dos créditos, Ramiro Ledo fai explícito o dispositivo de elaboraçom da obra através dum ato de enunciaçom. No primeiro dos planos, encontramos umha foto de Falconetti, protagonista do filme de Dreyer; no segundo, o próprio realizador extrai das páginas do livro outra instantánea com a face de Artaud. Finalmente, no derradeiro plano do filme vemos a segunda foto por cima da primeira, e umhas tesoiras símbolo por excelência da montagem, assinalam o que foi amputado ao filme e o que o substituiu.